

ios que na África do Sul e na Coréia

Cari. Brasil Moedas de duas faces

Vicente Paulo da Silva

• A chamada "reestruturação produtiva" anda à solta nos diversos setores da economia. No caso brasileiro, a reestruturação anda junto com as mudanças do cenário econômico desde o crescimento das exportações e a instabilidade dos anos 80, até a irresponsável abertura das importações nos anos 90. As empresas mais dinâmicas tentam reduzir seus tempos de projeto, fabricação, estoques e custos.

Vemos, por exemplo, e especialmente nas indústrias, o aparecimento das células de produção, a lógica *just-in-time* e o trabalho polivalente, que passam a conviver com tradicionais técnicas de racionalização, como as clássicas linhas de montagem. Em termos gerenciais, as empresas recorrem a programas de "qualidade total", treinamento e educação, enxugamento da hierarquia, sistemas participativos, premiações. É evidente que estas são moedas de duas faces: por um lado, respondem à inadequação dos estilos autoritários; por outro, são esquemas de motivação que visam a contrabalançar novas fragilidades das empresas em operação com o mínimo de recursos.

A terceirização de serviços de apoio à produção ganha velocidade e abrangência. Mas sua principal motivação continua sendo a redução espúria do custo do trabalho, mediante o pagamento de salários inferiores, a degradação das condições de trabalho e a informalização. Porém, esse é um processo que diz respeito aos trabalhadores e aos cida-

dãos. É evidente que a reestruturação produtiva não significa o paraíso, nem a salvação da lavoura. É certo que ela aponta novo perfil de exigências profissionais. Mas o papo da superação do taylorismo e do fordismo, do trabalhador mais qualificado e satisfeito, mostra-se enganoso quando enxergamos o todo. E entre impactos negativos da reestruturação alinharam-se desemprego crescente, baixos salários, precariedade das condições e vínculos do trabalho, aumento do desgaste físico e mental.

Por isso, temos nos preocupado na CUT em desenvolver uma intervenção ativa dos nossos sindicatos e estruturas orgânicas, o que não significa a defesa da manutenção ou do retorno a antigas formas, que também não nos satisfazem. Consideramos importante a constituição de um sistema democrático de relações do trabalho, no qual esteja inserido o contrato coletivo, com tópicos reguladores do processo de mudança tecnológica. Defendemos, ainda, a retomada de fóruns tripartites para definição de políticas industrial, tecnológica e de melhoria da qualidade e produtividade. Propomos a constituição de uma base de indicadores de difusão das mudanças tecnológicas e organizacionais.

Do ponto de vista da CUT, a reestruturação produtiva que faz sentido é aquela que melhora as condições de trabalho e a qualidade de vida. É por isso que lutamos, é por isso que queremos discuti-la.

VICENTE PAULO DA SILVA, o Vicentinho, é presidente da CUT.